

A EDUCAÇÃO POPULAR DIALOGANDO COM A EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA CONCEPÇÃO DA EMOÇÃO EMPATIA

Autor: Ricardo Targino Pereira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - ricardismojp@gmail.com

Co-autor: Jefferson da Silva Pia

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - jefferson.silvap8@gmail.com

Co-autor: João Pedro dos Anjos Figueirêdo

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - pedrodosanjos.f@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar a educação popular e sua trajetória resiliente de lutas e conquistas de direito para o povo e com o povo no Brasil, tendo como ponte de diálogo, a pesquisa em educação emocional voltada a emoção empatia em seus diferentes aspectos e sua influência no processo de ensino dos docentes da Educação de Jovens e Adultos. Buscando refletir sobre a importância de pensar a influência da educação popular dentro dos moldes da educação brasileira a partir de sua origem, além das características próprias que essa educação apresenta, como também, uma análise acerca do contexto histórico situado a educação popular. Vale ressaltar o papel importante da educação popular para o entendimento do objeto de pesquisa desse trabalho, onde buscar entender a relação da educação de jovens e adultos e a relações empáticas do educador com seus educandos dentro de um processo de ensino e aprendizagem. A compreensão do desenvolvimento desse artigo foi realizada a partir de uma abordagem teórica ancorada entre outros em: Rolando Toro, Elisa Gonsalves, Dermeval Saviani, Paulo Freire. Nesse sentido nos permite investigar a correlação da educação Popular com a emoção empatia atrelada a uma educação para Jovens e adultos a partir da percepção de uma educação libertadora, portanto educação emocional vem contribuir nessa perspectiva, tendo como foco trabalhar a empatia nesse processo libertador.

Palavras-chave: Educação Emocional, Empatia, Educação Popular.

1. Introdução

As emoções têm sido pouco discutidas ou até negligenciadas nos ambientes educacionais, porém são de fundamental importância; pois somos interligados por elas. O

ambiente educacional produz ligações afetivas que devem ser valorizadas, por que podemos a partir dessas ligações tecer diversos caminhos educacionais. Toro (2009) em seus estudos sobre a Biodanza discute a afetividade como um processo complexo, afirmando que:

O processo que conduz aos sentimentos tem uma complexidade crescente. Os instintos estão imediatamente vinculados à vivência e as vivências à emoção. O sentimento é diferente de emoção. As emoções são momentâneas, respondem a circunstâncias especiais e impulsionam a ação (*e-motion*, em inglês). Os sentimentos, por outro lado, possuem duração no tempo, elementos de consciência e componentes simbólicos (TORO, 2009, p 04).

As ligações que ocorrem no ambiente educacional não são algo simples de serem percebidas, porque as emoções são vivenciadas no momento em que ocorrem. Já os sentimentos são duradouros. Segundo Toro (2009), para poder debater sobre a importância de se trabalhar as emoções, devemos entender como ocorre em nosso corpo seus efeitos para que possamos levar essa aprendizagem para o decorrer de nossas vidas.

Esse artigo tem como objetivo abordar a educação Popular tendo como foco o início de sua história, onde passou por vários períodos de transformação durante esse tempo de lutas e garantias de direito da classe trabalhadora, neste sentido esse trabalho tem como objetivo abordar a educação popular e sua trajetória de lutas no Brasil ajudando assim a entender a educação de jovens e adultos - EJA nos tempos atuais, algo de grande importância para a compreensão do objeto de pesquisa desse trabalho que busca investigar educadores (as) da EJA e como a emoção empatia pode contribuir para a melhoria das relações desses profissionais junto aos seus educandos dentro dos processos de ensino e aprendizagem dessa educação de Jovens e adultos.

Nesse sentido a educação popular foi inicialmente pensada para lutar por direitos ela pensa os sujeitos dessa educação de forma empática, pois ao perceber suas particularidades, tenta trazer o conhecimento desse sujeito o considerando dentro do processo de ensino, porém para contextualizar essa educação de jovens e adultos dentro da educação emocional é necessário um recorte histórico das primeiras contribuições da educação popular para tentar compreender os avanços e sua influência na EJA, tendo como foco o cenário político, econômico e cultural, como também os sujeitos que articularam essa educação de jovens e adultos.

O interesse na área de Educação Emocional voltado para educação popular foi construído a partir da participação do autor desse trabalho junto do Núcleo de Educação

Emocional – NEEMOC, na Universidade Federal da Paraíba, atuando no desenvolvimento de estudos nesta linha. Além disso, ao participar do grupo, as leituras e as discussões ajudaram a desenvolver e aprofundar a percepção sobre a Educação Emocional atrelado a Educação Popular, como também, a vivência no curso Pedagogia dentro da área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos, o que proporcionou a inquietação acerca da análise dos processos empáticos no ensino dos professores da educação de jovens e adultos, pois havia uma necessidade de perceber como se encontram esses profissionais com relação ao seu olhar sobre essa questão em conexão com o processo emocional articulado ao educacional.

2. Caminhos da Pesquisa

A construção desse trabalho é voltada para o paradigma epistemológico fenomenológico, onde reconhece que a pesquisa não pode fixar a um padrão pré-estabelecido ao objeto de estudo, pois as emoções são de âmbito interno e apresenta-se de diferentes maneiras para cada pessoa, sendo assim, segundo Capalbo que aborda a concepção de Husserl sobre a fenomenologia afirma que:

[...] a fenomenologia como “ciência dos fenômenos”, isto é, daquilo que é imediatamente dado em si mesmo à experiência da consciência ou como presença à consciência. O que se visa nesta experiência é descrever o fenômeno, procurando, pouco a pouco, que seu núcleo essencial se desvale à consciência. (CAPALGO, 1990, p. 47).

O método abordado nesse trabalho utiliza-se da concepção fenomenológica, onde objetiva atingir os complexos fenômenos da experiência humana e para compreensão desses processos o método fenomenológico utiliza-se de três etapas que se relacionam, sendo elas a redução, a descrição e a busca das essências (GIORGI, 2014).

Nesse sentido a metodologia da teoria fundamentada dialoga com esse trabalho, no qual ajuda a entender como devem ser tratados os dados colhidos do campo de pesquisa, como também norteia os procedimentos necessários para codificação desses dados, porém vale salientar que são procedimentos flexíveis que estão para orientar o pesquisador não tendo uma função de respostas prontas.

Os procedimentos que serão utilizados nessa perspectiva são a construção de uma teoria em vez de verificar; fornecer a pesquisa ferramentas úteis para gerenciar grandes quantidades de dados brutos; ajudar o pesquisador a considerar significados alternativos dos fenômenos; ser sistemático e criativo ao mesmo tempo; como também identificar, desenvolver e

relacionar conceitos, elementos constituinte de teoria básica. Portanto para um melhor desenvolvimento da teoria fundamentada nessa pesquisa, os procedimentos devem ser entendidos e correlacionados para que auxiliem o pesquisador ao trato com o dado (STRAUSS; CORBIN, 2002).

A pesquisa está em processo inicial, no qual se encontra no levantamento teórico metodológico desse campo de pesquisa, na qual está sendo realizada a partir das experiências iniciais do mestrado em educação no programa de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, como também no levantamento bibliográfico necessário para o desenvolvimento da pesquisa.

3. A educação emocional e educação popular contribuindo no processo de ensino.

Nesse sentido para entender a educação emocional há uma necessidade de compreender em que momento aflorou a educação popular e sua trajetória de lutas. No início da década de 60 houve uma efervescência cultural, política e econômica, onde no nosso país nesse período ocorreu a expansão do Capital, migração do campo para a cidade, consolidação dos parques industriais, mecanização do campo, revolução verde, etc. Foi um período voltado à construção de um projeto de desenvolvimento econômico nacional, tendo como foco inicial na década de 60 um governo populista, postura assumida nesse período por João Goulart como presidente da república. Nesse sentido Saviani retrata o início dessa década destacando o papel da educação popular quando ele afirma que:

A ideia-força do desenvolvimento nacional aliada à política populista incitava à mobilização das massas, de cujo apoio os dirigentes políticos dependiam para obter êxito no processo eleitoral. O direito de voto, contudo, estava condicionado à alfabetização, o que levou os governantes a organizar programas, campanhas e movimentos de alfabetização de jovens e adultos dirigidos não apenas aos crescentes contingentes urbanos, mas também à população rural. Daí o surgimento de campanhas ministeriais que se estenderam do final da década de 1940 até 1963: Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) (1947-1963); Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) (1952-1963); Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (1958-1963); Mobilização Nacional contra o Analfabetismo (MNCA) (1962-1963). Na verdade, a MNCA havia sido criada dias antes da renúncia de Jânio Quadros, mas foi viabilizada apenas em maio de 1962, a partir do Decreto n. 51.470, do Governo Goulart. Seu funcionamento deu-se pela incorporação dos serviços das campanhas federais já existentes: CEAA, CNER, Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo; Campanha da Construção de Prédios Escolares; Campanha de Extensão da Escolaridade e Educação Complementar e Campanha de Merenda Escolar (Paiva, 2003, p. 254). Todas essas campanhas consideravam a educação popular no sentido até então dominante, isto é, abrangendo as questões relativas à instrução pública, isto é, a educação elementar destinada seja às crianças (ensino primário), seja aos adultos (programas de alfabetização). (SAVIANI, 2013, p. 316).

A educação popular era entendida nesse momento como uma educação para o povo e do povo, construída para agregar essa parte da população que era marginalizada e excluída da sociedade elitizada, tendo como objetivo superar uma educação que privilegiava apenas as elites, onde era uma educação que manipulava e controlava esse povo, nesse sentido o governo na metade dos anos de 1960 passa a ter um olhar preocupado com a participação política do povo tendo como norte uma tomada de consciência da realidade brasileira (Saviani 2013).

Nessa mesma década o país passou por um período sóbrio em sua história o início da ditadura veio para romper com o avanço de um governo populista, aonde prosperava o pensamento desenvolvimentista, porém passou para uma perspectiva de governo doutrinário que buscou uma manutenção socioeconômica nas palavras de Saviani:

A ruptura deu-se no nível político e não no âmbito socioeconômico. Ao contrário, a ruptura política foi necessária para preservar a ordem socioeconômica, pois se temia que a persistência dos grupos, que então controlavam o poder político formal viesse a provocar uma ruptura no plano socioeconômico. Destaque-se que esse fenômeno da ruptura política para a preservação da ordem socioeconômica foi constantemente proclamado pelos discursos políticos proferidos por ocasião das comemorações cívico-militares ao longo dos vinte anos da ditadura. (SAVIANI, 2013, p. 364).

A ditadura interferiu no avanço que a educação popular estava propondo para a educação brasileira, porém houve por parte da sociedade civil, principalmente ligados a Igreja católica uma resistência, pois esses sujeitos coletivos já estavam integrados e participando do movimento da educação popular entre esse grupos estavam o Centro Popular de Cultura – CPC, União Nacional de Estudantes – UNE, Movimento de Cultura Popular – MCP, Movimento de Educação de Base – MEB, Conferência Nacional Dos Bispos Do Brasil – CNBB, Juventude Operária Católica – JOC, Juventude Universitária Católica – JUC, Juventude Estudantil Católica – JEC, Pastorais Operária entre outros.

Nesse movimento de luta que Paulo Freire encontrava-se realizando experiências populares de Alfabetização de adultos nos estados de Pernambuco – PE, sendo esse movimento entre outros de fundamental importância para o desenvolvimento de uma educação Popular. Nesse período o trabalho de Paulo Freire junto ao Movimento de Cultura Popular – MCP em Recife deu origem ao seu livro Educação como prática da liberdade nas palavras de Saviani:

O êxito e a repercussão de sua experiência de alfabetização conduziram-no a Recife para postos de âmbito nacional. Designado para presidir a Comissão Nacional de Cultura Popular instituída por portaria do ministro Paulo de Tarso em 8 de julho de 1963, foi chamado a assumir também a coordenação nacional do Plano Nacional de Alfabetização, criado na passagem de 1963 para 1964. Entretanto, o golpe militar desencadeado em 31 de março de 1964 interrompeu essa iniciativa, assim como toda a mobilização que vinha sendo feita em torno da cultura popular e da educação popular. Exilado no Chile, Paulo Freire concluiu, em 1965, a redação do livro *Educação como prática da liberdade*, cuja 1ª edição brasileira veio à luz, em 1967 (Freire, 1974), com o ensaio “Educação e política (reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade)”, elaborado, à guisa de apresentação, por Francisco C. Weffort. (SAVIANI, 2013, p. 321-322).

O método de alfabetização elaborado por Freire é composto por cinco fases esse método de alfabetização que até os dias atuais é trabalho com algumas adaptações, mas seguindo a lógica inicial de Freire, onde busca a partir de palavras geradoras, iniciar a aprendizagem da realidade dos sujeitos da educação popular, pois para alcançar esse sujeito primeiro havia a necessidade de saber o universo de Vocabulário desses sujeitos, posteriormente selecionar esses vocabulários a terceira fase seria construção de um ambiente para aplicação de situações problemas para os grupos a quarta consiste em fichas roteiros, que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho por fim elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores (Freire, 1967).

A contribuição de Freire para educação popular na década de 60 é refletida até os dias atuais, onde ele ousou modificar uma formatação educação tradicional que vigorava no país há algum tempo utilizando os círculos de culturas no lugar da escola formal, como também um orientador no lugar de um professor, sendo essas mudanças necessárias para aplicar seu método e nesse sentido essa educação popular assemelha-se a educação emocional que busca qualificar o sujeito a partir do desenvolvimento de uma sabedoria emocional o reconhecendo como integrante desse processo educacional, tendo como perspectiva uma educação que incluía esse sujeito no processo de ensino e aprendizagem.

Entender que o início do avanço da educação em nosso país aconteceu pela junção da necessidade política vigente no período antecessor da ditadura junto dos movimentos sociais e da participação ativa da sociedade civil para elaborar e pensar essa educação popular, como também as lutas e os desafios que essa educação popular passou no período da ditadura. Essa compreensão de lutas e de uma educação igualitária é um campo fértil para educação emocional que objetiva compreender o sujeitos da educação de jovens e adultos a partir das relações tecidas por eles, tendo como pressuposto esse artigo investigar a emoção empatia junto à relação do educador e dos educandos dentro do processo de ensino e aprendizagem,

nesse sentido a contextualização da educação popular levando em consideração sua trajetória ao longo da história educacional no Brasil é a base para compreender os processos educacionais característicos da educação de jovens e adultos nos dias atuais.

Antes de abordar a emoção empatia, devemos compreender a terminologia emoção nas palavras de Bisquerra, essa palavra tem origem no latim *movere* (mover) com o acréscimo do prefixo e significando mover para fora, demonstrar o que está em si (*ex-movere*). Significando que todas as emoções têm tendência à ação.

Outra definição acerca de emoção segundo Bisquerra é a de um estado complexo do organismo, caracterizada por excitação ou perturbação que predispõe uma resposta organizada. As emoções são geradas como resposta a eventos externos e internos, de forma que Bisquerra aponta alguns fatores que nos ajudam a compreender quando uma emoção ocorre:

Uma pessoa, consciente ou inconscientemente, avalia um evento tão relevante em relação a um objetivo pessoal que é valorizado como importante. A emoção é positiva quando o evento é um avanço em direção à meta e é negativo quando um obstáculo. A emoção predispõe a ação. Às vezes, urgentemente, por exemplo, quando se sente ameaçado. Portanto, emoção e motivação estão relacionadas. A experiência de uma emoção tende a ser acompanhada por reações involuntárias (mudanças corporais de caráter fisiológico) e (expressões faciais e verbais, comportamentos, ações) voluntárias. Em suma, o processo de experiência emocional pode ser resumido da seguinte forma: Evento – avaliação – As alterações fisiológicas – predisposição para a ação (BISQUERRA, 2000, p. 61) - Tradução do próprio autor.

A Educação Emocional pode colaborar de forma decisiva no processo de libertação, pois ela dá vida às ações das pessoas. Gonsalves e Lima abordam a educação emocional da seguinte maneira:

A Educação Emocional pode ser mais uma ferramenta de libertação no processo pedagógico. As raízes da pedagogia da libertação estão entrelaçadas com a afirmação dos direitos humanos, até então negados por regimes ditatoriais, que promoviam a desumanização e despersonalização. Nessa perspectiva, libertação significa o restabelecimento do direito de alfabetizar-se, de participar politicamente, de criar cultura, enfim, de exercer plenamente a sua cidadania (GONSALVES & LIMA, 2015, p. 14).

O ambiente escolar também é um fator que contribui nesse processo de ampliação da capacidade empática através de uma Educação Emocional, onde a escola por ser um ambiente social proporciona tais interações.

Nas palavras de Luck (2011). Vem chamar a atenção para a perspectiva do clima organizacional da escola, visto que são as pessoas responsáveis para dar vida a esse ambiente:

O clima institucional e a cultura organizacional da escola expressam a personalidade institucional e determinam a real identidade do estabelecimento de ensino, aquilo que de fato representa, uma vez que se constitui em elemento condutor de suas expressões, de seus passos, de suas decisões, da maneira como enfrentam os seus desafios, como interpretam seus problemas e os encaram, além de como promovem o seu currículo e torna efetiva sua proposta político-pedagógica (LÜCK, 2011, p. 30).

Quando Luck apresenta essa concepção de que o clima organizacional se caracteriza por potencializar ou não a educação, ajuda a entender a importância de trabalhar a empatia no ambiente escolar, pois a empatia é inata a todos os seres humanos e ampliada a partir das interações sociais. No entanto, um ambiente tóxico e opressor pode não favorecer essa ampliação de forma saudável. Como Gonsalves afirma, as tensões no cotidiano escolar distanciam as pessoas:

Infelizmente, o cotidiano da escola está repleto de tensões que beiram a estados patológicos, distanciando as pessoas, cada vez mais, de situações geradoras de biofeedbacks, que permitam processos de identificação com o cosmo. A vida na escola que hoje é tensa e repleta de processos agressivos, pode ter o sabor do reencontro, do canto, da conversa, do trabalho, da brincadeira, da leitura, da escrita, do desenho, do cálculo, do relaxamento (GONSALVES, 2014, p. 35).

Gonsalves (2014) conclui afirmando que a afetividade é um fator que possibilita a intensificação da emoção empática a qual ajuda a restabelecer um ambiente próspero para a educação; para que isso ocorra, as pessoas envolvidas nesse processo deverão colocar-se disponíveis para que isso aconteça.

O conceito de compreensão empática, propriamente dito, enquanto uma evolução do conceito de empatia, desenvolvido na fase experiencial, consiste na pessoa ser sensível aos sentimentos e às reações pessoais do outro e apreendê-los 'de dentro' tal como o outro os vê (Rogers, 1991).

O educador é entendido nessa pesquisa como um profissional que está sempre em formação; como Freire, (2011), afirma: não existe uma concepção de acabamento, estamos sempre nesse processo de construção, como também o pensar crítico sobre a sua prática sem desvencilhar dos caminhos da pesquisa, pois segundo o próprio Freire, são dois caminhos que devem ser entrelaçados. Então o profissional da educação é responsável por trilhar esse caminho metodológico para alcançar uma educação libertadora; a educação emocional oferece essa perspectiva, tendo como foco trabalhar a empatia nesse processo libertador.

4. Considerações finais

A educação popular ao abordar uma educação voltada ao educando percebendo suas necessidades e retirando de suas experiências o material para se trabalhar com esses sujeitos ela apresenta um conceito importante para esse trabalho o da emoção empatia, onde ela é alimentada pelo autoconhecimento, ou seja, quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos compreendê-las e ao outro, tendo o entendimento de que não há necessidade de vivenciar o que o outro sente para poder compreender o que o outro vivencia.

A empatia no processo de ensino da educação de Jovens e adultos vem ajudar o educador a entender as necessidades desses educandos dentro desse processo de ensino, felicitando um olhar vivencial dessa educação, pois ainda ocorre na educação da EJA muito preconceitos e estigmas, entre elas uma educação fora dos padrões etários para uma educação tradicional por esse motivo o educador precisa qualificar esse ambiente e cuidar também das relações tecidas com seus educandos.

Por fim é um desafio de perceber em a nossa volta à afetividade, onde necessita de uma sensibilidade, através da compreensão de si, para que possamos compreender o outro, a empatia corrobora, para essa compreensão, pois nos deixa mais sensível ao ambiente em que vivemos, porém também se faz necessário um empoderamento de si para que possa fornecer meios de desenvolver uma educação emocional que proporcione vivenciar a empatia de forma saudável e geradora de bem estar.

REFERÊNCIAS

- BISQUERRA, R. **Educación emocional y bienestar**. Barcelona: Praxis, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GONSALVES, E. P. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas, SP, editora Alínea, 2014.
- GIORGI, A. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser 4 ed. . – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GONSALVES, E. P. LIMA, F. A. (Org). **O livro das emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais**. - 1 ed. – Curitiba, PR: CRV, 2015.
- LÜCK, H. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. 2 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ROGERS, Carl. **Tornar-se Pessoa**. Martins Fontes, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4 ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- TORO, R. **Afetividade**. International Biocentric foundation, 2009.